

análise

Um milhão numa cidade que não é de borracha

por Nunes Rodrigues

N. 4/6/83

No Grande Maputo viviam, em 1981, 755 300 habitantes, de acordo com os dados oficiais do Recenseamento Geral da População, efectuado em Agosto daquele ano.

Se tivermos em conta que a superfície total da cidade é de 602 quilómetros quadrados, a densidade populacional, naquela altura, era de 1255 habitantes por quilómetro quadrado.

Contudo, em Dezembro de 1981, segundo a estimativa feita pela Direcção Nacional de Estatística, a população da cidade teria subido, para 785 512 habitantes, cifrando-se a densidade populacional em 1305 habitantes por quilómetro quadrado.

Mas das estimativas à realidade, por vezes a diferença é grande. Senão vejamos. De acordo com uma informação publicada pelo «Notícias», em 28 de Abril de 1982, o Presidente, na altura, do Conselho Executivo da Cidade de Maputo, António Hama Thai, declarava que a população da cidade, em 18 meses aumentara em 100 mil pessoas. Ou seja, depois do Recenseamento, no prazo de ano e meio, a cidade contava já com cerca de 850 mil pessoas.

Deste modo estava muito ultrapassada a estimativa que os Serviços de Estatística fizeram para fins de 1981. E a manter-se este ritmo de crescimento tudo indica que, presentemente, a população andarà próxima do milhão. Mas analisemos outro aspecto.

De acordo com os censos coloniais, o conselho da antiga Lourenço Marques tinha, em 1970, cerca de 380 000 habitantes. Destes, 347 000 localizavam-se na cidade (sede) e apenas 33 000, na então freguesia de Benfica.

Na altura, tanto a Matola como a Machava não estavam integradas no espaço administrativo da cidade. Mas o número de pessoas que aí viviam, no início da década de 70, era irrelevante — 36 000 na Matola e 44 000 na Machava.

Entretanto, em 1975, altura em que já existem novos dados, embora resultantes de estimativas, a então cidade de Lourenço Marques, mantendo ainda a mesma estrutura administrativa, passara para 505 000 habitantes. Portanto, no espaço de cinco anos registara um aumento demográfico de cerca de 125 000 pessoas, valor aproximado do que registou em apenas 18 meses, depois de concretizada a decisão do Partido Frelimo para se realizar o Recenseamento Geral da População.

Na altura não nos foi possível obter os dados referentes à Matola e à Machava no respeitante aos anos de 1975 e 1980, falha grave, pois neste momento aquelas localidades, segundo

parece, correspondem já ao terceiro aglomerado populacional do País.

UMA CIDADE NÃO É DE BORRACHA

Se tivermos em conta que a cidade aumentou para o dobro, em pouco mais de dez anos, facilmente se compreendem os pro-

blemas que daí advêm. Questões de abastecimento, falta de infra-estruturas sanitárias, alteração da ordem social, entre outras, surgem inevitavelmente.

Se há um afluxo à cidade o campo não produz e as batatas, o arroz, o amendoim ou as couves não nascem no asfalto. O gado não pode pastar nos jardins. A água, que mal chega para



determinado número de habitantes, deixa de existir quando a população sobe para o dobro.

Mas nem só através das questões alimentares se reflecte o problema. As lojas que vendem os produtos tornam-se escassas face à afluência, os cinemas são poucos, é preciso construir novos hospitais, os bazares deixam de ser suficientes, as escolas não chegam e até a polícia se torna menos numerosa face às necessidades.

Uma cidade não é de borracha nem cresce rapidamente com rações. O seu desenvolvimento é lento e metódico, correndo-se o risco, se isso não suceder, de se quebrar o equilíbrio que a própria cidade estabelece.

O SINAL DE ALARME JÁ SOOU

Quantas pessoas andam, por esta cidade, sem qualquer ocupação produtiva? E quantas, mesmo ocupadas, perdem o seu tempo nas bichas, com prejuízo do trabalho que deveriam fazer? Há a preocupação de consumir, mas de produzir não.

Um exemplo. Frente à Loja «Botónias», junto à redacção do jornal, uma bicha para comprar linhas. Uma mulher que ali está, cujo nome ocultamos propositadamente, diz-nos:

Uma colega minha lá do banco — e assim subemos que também trabalha (!) no Banco de Moçambique — esteve aqui ontem à tarde e soube por ela que hoje continuavam a vender.

Isto ocorreu durante o horário normal de funcionamento do banco. Daí a pouco, aquela bicha pode já ter o dobro, ou o triplo, de pessoas, basta que a informação se espalhe.

Numa breve ronda, às 10 e 30 da manhã, pela baixa da cidade, vimos filas de pessoas que esperam em frente do Continental, do Aziz, do Cortiço, da Cooperativa dos Criadores de Gado, da Casa Coimbra, do Scala, para não falarmos do Bazar Central, onde as bichas ultrapassam tudo o que se possa pensar.

Neste último local há filas para tudo. Filas de homens e filas de mulheres. Filas de vendedeiras e filas dos restantes compradores. Para comprar peixe, bolos, sorvetes ou toranjas. Bichas que desaparecem e se formam de novo, conforme os produtos acabam ou surgem. Profissionais das bichas. Pessoas que ali estão, por sistema, muitas vezes desde as cinco da manhã.

É o biscate — comprar ali para ir vender acolá e o tempo perdido na bicha é incluído no preço. Por vezes o biscate não resulta e então é preciso deitar mão a outra solução. Por vezes são apanhados pela polícia, mas esse risco também estava incluído no preço do artigo roubado.

O excesso incontrolado de população não-produtiva altera a ordem e os esquemas sociais. Mas o sinal de alarme a avisar o perigo já começou a soar. As medidas adequadas têm de ser postas em funcionamento para que os que não trabalham não possam aumentar os «quantos somos» desta Grande Cidade de Maputo.